

BIBLIOTECA

Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do paraíso - os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010 (583 pgs).

NOTAS DE LEITURA: EPIFANIAS DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Renato Martins*

* Doutorando no Departamento de História da USP, com tema de pesquisa sobre a produção historiográfica de Sérgio Buarque de Holanda

12 de novembro de 1958, Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sérgio Buarque de Holanda defendia, em pé, meio apoiado sobre uma mesa com anotações em papel, a tese *Visão do paraíso – os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil* (Holanda, 1958) para um concurso da cadeira de História da Civilização Brasileira daquela casa. O salão estava cheio: além da banca examinadora, formada pelos professores Eduardo d'Oliveira França, Afonso Arinos de Melo Franco, Paulo Savoya e Eurípedes Simões de Paula, várias pessoas assistiam a cerimônia imaginando talvez que, depois dali, aquele trabalho virasse referência para a historiografia brasileira.

E virou. Porém, não como deveria. A tese foi publicada em 1959, ganhou novos capítulos e edições com o tempo, e de lá para cá, infelizmente, a obra conheceu um relativo anonimato até ser acolhido pelos historiadores. Os tempos, vale lembrar, eram de fastígio da história econômica (GALVÃO, 2001: 472), hostis à investigação das representações mitológicas da colonização do Brasil. Por isso, este monumento de nossa historiografia teve desempenho editorial modesto – a segunda edição saindo da gráfica em 1969, a terceira em 1977 e a seguinte somente em 1992.

Essa nova edição de *Visão do paraíso*, portanto, chega em boa hora. Contendo nota de 1959, prefácio de 1968 e texto de Sérgio Buarque estabelecido a partir da edição de 1969, ainda traz dois apêndices fundamentais, assinados pela historiadora Laura de Mello e Souza e pelo historiador Ronaldo Vainfas. A diligência editorial, aliás, faz jus ao impresso: a capa é estampada com um detalhe de “Terra Brasilis”, mapa de 1519, e, no interior do volume, outros mapas mais, fotos e relatos ilustrando o argumento do livro, como apontado pelo autor logo no prefácio:

“o que nele se tencionou mostrar é até onde, em torno da imagem do Éden, tal como se achou difundida na era dos descobrimentos marítimos, se podem organizar em um esquema altamente fecundo muitos dos fatores que presidiram a ocupação pelo europeu do Novo Mundo”. (HOLANDA, 2010: 12).

Sabe-se que esses colonizadores – em grande parte leitores de poetas clássicos como Ovídio, autor de *Metamorfoses*, e além destes, de teólogos medievais que devoravam obras como o *Genesis* – acreditavam num lugar paradisíaco real e longínquo. Para Leon Pinelo, por exemplo, o sítio onde moravam nossos primeiros pais antes da queda ficava no centro da América do sul, dentro de um círculo de nove graus de diâmetro (160 léguas por 460 de circunferência) e tinha a forma de um coração (HOLANDA, 2010: 27). Já Colombo e Las Casas defendiam, cada um a seu modo, a existência de um sítio vislumbrado no alto de uma montanha, quase inatingível, parecido com seio de mulher ou a metade bicuda de uma pêra (HOLANDA, 2010: 214). Por essas razões, muitos deles saem à procura de eldorados, serras de prata, lagoas mágicas e fontes de Juventia por toda a América.

HISTÓRIA E MITO

Mas Sérgio Buarque, no caso, estava preocupado em analisar as variações históricas deste saber mitológico que, de múltiplas formas, tomava conta do imaginário e da atuação ibérica no continente americano. Por isso, o argumento da obra não se resume à busca

generalizada de viajantes e navegadores ao jardim das delícias, rios de ouro e prata, primavera eterna etc. Afinal, as milenares visões paradisíacas, em solo americano, acabaram sofrendo *variações* que, por sua vez, inauguraram uma *diferença* entre o imaginário português e castelhano sobre o paraíso no Novo Mundo.

É que, segundo o autor, as formulações lusitanas acerca da mitologia da conquista não foram tão vigorosas quanto as prósperas e maravilhadas elucubrações castelhanas sobre o tema. Sobretudo porque os portugueses, com o passar do tempo, acabaram desconfiando da existência do paraíso terrestre na América. Como aponta Francisco Iglésias,

“o importante da análise feita [em *Visão do paraíso*], com minúcia e densidade, é a verificação de uma diferença básica entre os espanhóis e portugueses: a fantasia solta e a imaginação delirante, os mitos mais ousados são em geral de espanhóis, enquanto nos portugueses, populares ou eruditos, domina a objetividade, certo comedimento, o apelo à observação e à experiência. [...] O português aparece bem menos seduzido pelo maravilhoso. Os mitos do Eldorado, o paraíso terreal, o Éden, as terras fantásticas são mais espanhóis do que portugueses” (IGLÉSIAS, 2009: 149).

Laura de Mello e Souza, no posfácio dessa recente edição, reitera que eles “sucumbiram ao *realismo pedestre* – juízo recorrente nesta e em outras obras do autor –, sujeitaram a portentosa mitologia milenar a *atenuações plausíveis* que a acabaram transformando em visões desbotadas e desenxabidas”. Já os espanhóis deixaram-se levar pelas ‘frondosidades’ da mitologia edênica, reforçada historicamente por um poderoso fortificante: “as extraordinárias cidades encontradas na Mesoamérica e no altiplano andino, bem como a riqueza imediata das minas de Potosi, descobertas – o que não ocorreria com os portugueses – logo no início da ocupação” (in HOLANDA, 2010: 545).

Portanto, o universo dos cronistas portugueses no Brasil, mais do que outros povos ibéricos, é pautado por um realismo desencantado e uma curiosidade utilitária (HOLANDA, 2010: 40). Não que a busca daqueles paraísos fosse estranha a eles; o fato é que esse mundo lendário vai se desbotando na imaginação e na tinta de Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gandavo, frei Vicente de Salvador, padre Antonio Vieira, frei Simão de Vasconcelos, entre outros, desempenhando fraco papel na conquista e construção social da América portuguesa. Os colonizadores espanhóis, ao contrário, se deixavam levar pelo amplo repertório imaginativo acerca do paraíso terrestre, já que suas reflexões, no caso, eram mais convictas e demoradas.

Entretanto, Sérgio Buarque não teria adentrado as variações ibéricas e americanas desta penetrante sabedoria milenar sem uma vasta pesquisa histórica de relatos de viajantes, missionários, escritores e cartógrafos coloniais, realizada em arquivos nacionais e estrangeiros. Assim, o contato permanente do mestre com essas fontes permitiu comparar as reflexões de José de Anchieta, Pero Vaz de Caminha, Fernão Cardim, Simão de Vasconcelos com as de Cristóvão de Acuña, Cabeza de Vaca, Leon Pinelo, Oviedo y Valdez – concluindo, pois, que “a mitologia da conquista, que tão vivaz se manifestava nas Índias de Castela, passava a descolorir-se e definhava, uma vez introduzida na América portuguesa” (HOLANDA, 2010: 23). Reside aí, enfim, a idéia central de *Visão* (e a diligência historiográfica do autor).

LACUNA IMPRUDENTE

Resta saber um pouco mais sobre os aspectos comparativos de *Visão do Paraíso*, uma vez que o contraste entre imaginário português e espanhol revela faceta importante e pouco

explorada deste grande clássico. Sabe-se que a análise comparada se apresenta também em outras obras do autor: já em *Raízes do Brasil* (1936), como lembra Ronaldo Vainfas no posfácio da presente edição, Sérgio Buarque buscava explicar as relações dicotômicas entre os modelos de colonização português e castelhano, vendo aquele com desacerto e improviso, e este com planejamento e razão. (in HOLANDA, 2010: 554). Outro estudioso – Luiz Costa Lima – assegura que

“desde o capítulo ‘O semeador e o ladrilhador’ [de *Raízes do Brasil*], o autor ressaltara a diferença entre as colonizações espanhola e portuguesa; de posse agora de uma bibliografia de que não dispusera em 1936 e havendo amadurecido sensivelmente o tema, tratava-se então de mostrar como os dois colonizadores não elaboraram do mesmo modo a matéria contudo comum dos motivos edênicos (LIMA, 2008: 530).

Nesse sentido, *Visão do paraíso* atualiza em muitos aspectos os contrastes acima lembrados ao valorizar, sob novas formas, o leque de atuação ibérica na América.

Entretanto, além dos contrastes, as possibilidades de leitura desta clássica contribuição se encontram em estado inicial. *Visão do paraíso*, como lembra Ronaldo Vainfas, é “muito respeitado, mas pouco lido, pouco citado, pouco estudado”. (VAINFAS, 2008: 554). As poucas – e sugestivas – investigações sobre a obra não deixam de apontar, de forma geral, a falta de estudos de fôlego, e, em particular, o interesse atenuado sobre o contraste entre o universo português e espanhol no que diz respeito à mitologia edênica da conquista.¹ Os referidos apêndices, ao destacarem a importância desta comparação realizada por Sérgio Buarque, conferem outra ótica à *Visão do Paraíso*, não propriamente inédita, porém, pouco explorada. A relativa desatenção a esta contribuição ‘epifânica’ de Sérgio Buarque de Holanda pela historiografia brasileira e latino-americana ainda é expressiva, nos parecendo mesmo um reflexo daquele eclipse outrora sofrido pela obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda”, *Estudos Avançados*. USP, São Paulo, 15 (42), 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso – os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. São Paulo, 1958.

_____. *Visão do paraíso – os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

IGLÉSIAS, Francisco. *História e literatura: ensaios para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 2009.

LIMA, Luiz Costa. “Sérgio Buarque de Holanda: *Visão do Paraíso*”. In Pedro Meira Monteiro e João Kennedy Eugênio (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – perspectivas*. Campinas / Rio de Janeiro. Editora da Unicamp e Editora da UERJ, 2008.

SOUZA, Laura de Mello e. “Posfácio”. In Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do Paraíso – os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

¹ Sobre a questão, ver o artigo de Laura de Mello e Souza que compõe o próprio apêndice da presente edição de *Visão do paraíso*, bem como os outros artigos citados ao longo do texto (e em “Referências Bibliográficas”).

VAINFAS, Ronaldo. “Posfácio”. In, Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do Paraíso – os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

_____. “Sérgio Buarque de Holanda, historiador das representações mentais”. In Antonio Candido (org). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.